

**A ESCRITA DA NOVA HISTÓRIA: IDEIAS DE UM HISTORIADOR-  
FAREJADOR**

**THE WRITING OF THE NEW HISTORY: IDEAS OF A HISTORIAN-CLUSTER**

**LA ESCRITA DE LA NUEVA HISTORIA: IDEAS DE UN HISTORIADOR-  
FAREJADOR**

Helen Arantes Martins<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-6042-4118>

Daiane Trindade da Silva<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9201-8640>

BLOCH, Marc Leopoldo Benjamin. *Apologia da História, ou, O ofício de historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 2001.

As primeiras páginas da obra de Marc Bloch, provocam no leitor uma profunda reflexão que entrelaça emoção e determinismo. Um historiador medievalista, francês, judeu, que compôs a terceira geração da Escola dos Annales. Ocupando a posição de um dos cofundadores da Revista do Annales em 1929, titulada como: *Annales d'Historie Économique et Sociale*, (re) nomeada, *Annales Économies, Sociétés, Civilisations*. Antagônico a uma historiografia positivista atravessa as ideias de Auguste Comte, grande influenciador no pensamento do século XIX. Marc Bloch, inaugura uma noção da “história como problema”. Que não se apoia em grandes heróis da história, mas problematiza o próprio “fazer histórico”. Um homem que além de intelectual era guerreiro sobrevivente dos grandes massacres vividos na guerra, debilitado não hesitava em redigir as vivências na guerra e as trocas de experiências compartilhadas com colegas de outras áreas de conhecimento, resultado influenciador na reelaboração da

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Bolsista da CAPES; Membro da linha de pesquisa em Educação e História Cultural da UNICAMP e professora da Faculdade Santo André (RO).

<sup>2</sup> Mestra em Educação e professora colaboradora da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e Faculdade Santo André (RO). Compõe o grupo de Pesquisas em Educação (GEP) da UNIR.

construção da história. Após servir a Segunda Guerra Mundial, é capturado e desolado, o mesmo rascunha *Apologie de l'histoire*, essa obra que fica inacabada no ano de 1944 por sua morte provocada por fuzilamento. A realidade vivida pelo autor nos permite também visualizar o resultado de um momento histórico da França, que afugentada pela guerra e sob o regime Vichy, tenta sobreviver aos percalços. É nesse espaço que são cativadas as ideias de Marc Bloch, que sem livros, ou, qualquer tipo de aporte que pudesse ter acesso na situação de prisioneiro, começa um trabalho metodológico que provoca reflexões acerca de definir a história e o papel do historiador. Nessa envoltura questões como: investigações, práticas, ofício, objetivos científicos e a própria ciência são ressaltados com preocupações. Ou seja, Marc Bloch, consegue metamorfosear a realidade vivida em profundas reflexões historiográficas. Os rascunhos ainda inacabados foram organizados por seu primogênito Étienne Bloch e em 1949, Lucien Febvre, seu companheiro de lutas e amigo, publica os ensaios dele tendo sob o título *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*, legenda original. É essencial mencionar que esse esboço das ideias de Marc Bloch, mostrou outra forma de assinalar a ciência na história, aprimorando até mesmo suas ideias anteriores a essa. Pontuando, fielmente o autor constrói sua argumentação para consolidar suas reflexões provocativas, onde a história não seria mais compreendida como a “ciência de um passado”, ao afirmar que o “passado não é objeto de ciência”. E assim, caberia pensar também, que se a história não é a ciência do passado, tampouco poderia ser definida como uma “ciência do homem”. A história não poderia mais ser definida como algo resolvido, limitada ao campo da economia e da política. Transcender as limitações era preciso, percorrer espaços outros, interpretações e análises, porém, sem perder a história. Compete pensar que ao fazer um retorno ao passado, delimitando o exposto, o passado retornaria, porém, não de maneira intocável ou puro de críticas. Assim, a história poderia ser a “ciência dos homens no tempo”, onde cada época deixa seus indícios.

O livro tem a tradução autorizada da edição francesa publicada, em 1997 por Armand Colin, de Paris, França. Atualmente tem a tradução elaborada por André Telles. A apresentação à edição brasileira, por Lilia Moritz Schwarcz, professora titular do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo. A apresentação recebe o título “Por uma historiografia da reflexão”, que começa suas considerações fazendo uma analogia a um provérbio árabe, “os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais” pretensamente, parece uma reflexão simples. Mas como tão bem apresentou Lilia, foi o paradigma disposto por Marc Bloch. O prefácio foi elaborado por Jacques Le

Goff, historiador francês especialista em estudos voltados para Idade Média, em 1969 ingressa como codiretor da Escola dos Annales sucedendo Fernand Braudel, progênie de Lucien Febvre e de Marc Bloch. Le Goff, faz alusão a infelicidade de não poder ter tido a chance de conhecer Marc Bloch. Atribui características tanto ao historiador como a obra, por ser uma historiografia francesa que apresenta uma profunda reflexão no campo da história. Todo esse respeito a obra e principalmente aos historiadores não excluíram as críticas e as reflexões elaboradas pelo autor. A obra também é contemplada com uma imagem original da dedicatória redigida pela mão de Marc Bloch à Lucien Febvre.

Esperançoso de que um dia os rascunhos pudessem ser publicados, caracteriza as ideias como um antídoto as piores dores e angústias vividas. Demasiadamente preocupado em não restringir o amigo as referências, enfatiza que as páginas redigidas são impregnadas de sua presença e dos resultados dos longos diálogos de ambos. Para Febvre, a *“história era filha do seu tempo”*, ou seja, as implicações elaboradas por Marc Bloch não estavam distantes do papel desempenhado pelo amigo, ao problematizar as inquietações em torno do que viria a ser a história. O início da obra *“A história, os homens e o tempo”*, é destaque por começar a parte de uma problematização. A pergunta surge de uma criança que faz o seguinte questionamento ao pai historiador, *“me explica para que serve a história”* e a resposta será a composição dessa incrível obra, cujo, a intenção seria poder *“falar, no mesmo tom, aos doutos e aos escolares”*. Aqui o autor deixa declarado que a produção de um historiador deve alcançar a todos os níveis sociais. E chamando o historiador a prestar contas de seu ofício como um artesão que tece minuciosamente, outra questão era a legitimidade da história que o mesmo colocava em questão, apontando fissuras no âmbito epistemológico e até mesmo moral. Esse cuidado com a história parte da preocupação de não a colocar em uma situação de *“fragilidade”*. Onde a história não poderia mais ser reduzida as leis e as políticas, pensar dessa maneira, era esboçar sua marginalidade. O autor visualizava a necessidade de trabalhar com a história que dialoga com outras áreas do conhecimento, ou seja, interdisciplinarmente pois era *“essencial estabelecer ligações entre os fenômenos”* para que a história pudesse acompanhar as evoluções sociais provocadas pelo homem.

Mac Bloch não nega que a história seja uma ciência, mas é uma ciência que envolve o *“homem no tempo”* é nessa relação que a história não pode ficar imersa e nem submersa deve seguir uma corrente constante sem paradas. Essa preocupação em pensar a história com outros olhares sem que ela deixe

de ser história, ou reduza sua significância leva nosso autor a transitar pela sociologia durkheimiana, porém, com algumas cautelas para que a história não seja confundida com a sociologia. A intensão era transitar por outros espaços e possibilitar uma visibilidade de renovação da história rompendo com a ideia de uma história positivista, rasa, ou, até mesmo superficial. Era essencial compreender o movimento do homem naquele tempo, descavar para enxergar o que não era óbvio, ou, mesmo pensar que nem tudo que é óbvio é enxergado.

A figura do historiador também é apresentada com uma nova significância e roupagem, onde transmutar-se era preciso para que o olhar pudesse captar todas essas sensibilidades da história. Nesse sentido é pensado o historiador, como um farejador, aquele que estuda cautelosamente as pegadas deixadas ao longo da trilha. Marc Bloch, coloca o historiador na posição de um ogro que fareja a caça e sabe que ali está o que vai alimentá-lo. Assim como um ogro, um faminto, não por “carne”, mas por homens no tempo que o historiador deve desempenhar seu ofício. Aquele que não deixa de ser um fiel aventureiro que se lança na caça e na empreitada, aquele que estica os braços e as mãos até onde os dedos conseguem alcançar.

Para o autor o tempo tem um significado que transcende. O tempo não é para ele cristalizado, é um fenômeno que atravessa a história e deve atravessar o historiador, pois é no tempo que está o homem e o acontecimento das coisas. A história começa “às avessas” para Marc Bloch, e a história se faz “com uma ajuda mútua”. Aventurar-se no espírito da dúvida era também aprofundar nos estudos do mecanismo dos corpos, das mentalidades porque o homem no tempo transforma e é transformado. Essa coletividade que o inspirava estava muito amarrado ao seu espaço social de convivência, as trocas de conhecimento e ideais que se consolidavam com o próprio Lucie Febvre, as experiências vividas e compartilhadas com os amigos de guerra.

Marc Bloch, também faz menção as análises de documentos. A intenção era descaracterizar o uso do documento como uma fonte que não provocava inquietações no historiador e que deixasse de ter um caráter anacrônico na história. A história é feita com documentos sem dúvida, porém, quando esses são reais e palpáveis. Mas, a história também pode ser constituída sem o uso deles. O que Marc Bloch queria chamar a atenção era para que olhássemos para os lados e tivéssemos a sensibilidade de perceber que o movimento do tempo refletia nas transformações do homem, que produz. Lucien Febvre, dizia que há maneiras de ser homem na história. E Le Goff, ainda reforça essas ideias discutindo que estamos vivendo uma enorme ampliação da memória histórica graças as contribuições dos historiadores do Annales. Onde os documentos

precisam ser tomados sob muitas leituras, “são os vestígios” elucidada Marc Bloch. Do mesmo modo ele argumenta a ideia de que o documento por si só não fala. Eis, o ofício do historiador frente ao desafio de investigar e conduzir uma análise das fontes de maneira significativa e significante na construção da história. Assim, essas ideias elaboradas por Marc Bloch abrem novas frentes no sentido de se pensar a história, o lugar que o historiador precisa ocupar e as análises interpretativas que devemos ter sobre as fontes. É um tanto ilusório pensar no passado de maneira homogênea, onde cada sujeito seguia de forma linear uma organização social. É necessário o movimento de se pensar a história com diferentes sujeitos, que ocupavam diferentes espaços sociais e se organizavam com o que lhe era permissível e oferecido em sua realidade, ou, cotidiano vivido. É nessa linha de perquirições que Marc Bloch nos convida a pensar e refletir, provocando novas elaborações e preocupações em torno da história. Farejar o transitório, o inesperado, os atravessamentos que rompiam com a realidade imposta e vivida no momento. Portanto, essa obra se torna relevante para o estudo da educação e do ensino de história primeiramente, porque nos situa em um contexto histórico ao qual a França estava dilacerada e fraquejada com a invasão da Alemanha Nazista. Em seguida, porque é na situação de combatente de guerra que Marc Bloch produz uma das mais brilhantes e inacabada metodologia que impacta os estudos da história. Todo esse conjunto de ideias dão abertura para a escrita de uma nova história onde a história passa a ser enxergada como a “ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo”, sendo assim de fundamental importância para a educação e o ensino de história nas escolas.

**Data de recebimento: 31.04.2019**

**Data de aceite: 06.06.2019**